



# PESQUISA COM CRIANÇAS TERENA DA ALDEIA URBANA DARCY RIBEIRO, MUNICÍPIO DE CAMPO GRANDE/MS PARA A MANUTENÇÃO E A PRODUÇÃO DA IDENTIDADE TERENA.

Daniele G. Colman/UCDB<sup>1</sup>, Carlos Magno Naglis Vieira/UNIR<sup>2</sup>

danielecolmann@hotmail.com, carlos.vieira@unir.br

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

II Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG 2022

**RESUMO:** *O texto são reflexões de uma tese, em desenvolvimento intitulada: O brincar com as crianças Terena em Campo Grande/MS: identidades e diferenças, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco/UCDB e no grupo de pesquisa Educação Intercultural e Povos tradicionais/CNPq. Pautado em entrevistas semiestruturadas, diário de campo construído no brincar e no conviver com as crianças Terena da aldeia urbana Darcy Ribeiro, o artigo tem objetivo apresentar como as estratégias de negociações, apropriações, ressignificações e resistências se manifestam nas relações das crianças Terena e como isso reflete em seus modos de ser/estar e viver e na manutenção e produção da identidade Terena. Busco, também, demonstrar os prejuízos, os medos e as limitações que a pandemia da Covid-19 causou no modo de vida das crianças Terena e as suas formas de ver toda essa conjuntura. Articulados aos trabalhos com fundamentações teóricas nos campos dos estudos pós-críticos, de autores do Grupo Modernidade/Colonialidade, bem como, intelectuais indígenas como, Sobrinho (2011) e Krenak (2019), a pesquisa demonstra que há reinvenções de ser, ver e estar num contexto de aldeia urbana em constantes negociações para viver/brincar, para assim poder circular suas especificidades culturais no lugar limitado da aldeia para contaminar*

<sup>1</sup> Historiadora. Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco - UCDB, Campo Grande - MS. E-mail: [danielecolmann@hotmail.com](mailto:danielecolmann@hotmail.com) Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8740870335328790>

<sup>2</sup> Historiador. Doutor em Educação. Professor do Departamento de Ciências da Educação da Universidade Federal de Rondônia - UNIR, Porto Velho - RO.. E-mail: [carlos.vieira@unir.br](mailto:carlos.vieira@unir.br) Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0757780259670322>



*com suas diferenças o outro lado da fronteira. Etnicidade das crianças Terena que se constrói e se fortalece no enfrentamento cotidiano de preconceitos, estereótipos e injustiças sociais/epistêmica e cultural.*

**Palavras-chave:** Brincar; criança Terena; Identidade; Diferença. Campo Grande/MS.

**Resumen:** *El texto son reflexiones de una tesis, en desarrollo titulada: Jugando con niños Terena en Campo Grande/MS: identidades y diferencias, en el Programa de Posgrado en Educación de la Universidad Católica Dom Bosco/UCDB y en el grupo de investigación Educación Intercultural y Pueblos Tradicionales/CNPq. Desde entrevistas semiestructuradas, diario de campo construido sobre el juego y la convivencia con los niños Terena de la aldea urbana Darcy Ribeiro, el artículo tiene como objetivo presentar cómo las estrategias de negociación, apropiación, resignificación y resistencia se manifiestan en las relaciones de los niños Terena y cómo esto se refleja en sus formas de ser y vivir y en el mantenimiento y producción de la identidad Terena. También busca evidenciar los daños, miedos y limitaciones que la pandemia del Covid-19 provocó en la forma de vida de los niños Terena y sus formas de ver toda esta situación. Vinculada a trabajos con fundamentos teóricos en los campos de los estudios pos-críticos, de autores del Grupo Modernidad/Colonialidad, así como de intelectuales indígenas como Sobrinho (2011) y Krenak (2019), la investigación demuestra que hay reinenciones del ser, ver y estar en el contexto de una aldea urbana en constante negociación para vivir/jugar, para poder hacer circular sus especificidades culturales en el lugar limitado de la aldea para contaminar el otro lado de la frontera con sus diferencias. Etnicidad de los niños Terena que se construye y fortalece en el enfrentamiento cotidiano de prejuicios, estereotipos e injusticias sociales/epistémicas y culturales.*

**Palabras- Clave:** Jugar; niños Terena; Identidad; Diferencia. Campo Grande, MS.

## 1. INTRODUÇÃO

O texto é fruto de reflexões de uma tese, em desenvolvimento, intitulada “O brincar com as crianças Terena em Campo Grande/MS: identidades e diferenças”, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco/UCDB e no grupo de pesquisa Educação Intercultural e Povos tradicionais/CNPq.

As reflexões têm por objetivo apresentar como as estratégias de negociações, apropriações, ressignificações e resistências se manifestam nas relações das crianças Terena que residem e circulam pela Aldeia urbana Darcy Ribeiro, no município de Campo Grande/MS, por meio do brincar e, como isso reflete em seus modos de ser/estar e viver e na manutenção e produção da identidade Terena. Buscamos, também, demonstrar os prejuízos, os medos e as limitações que a pandemia da Covid-19 causou no modo de vida das crianças Terena e as suas formas de ver toda essa conjuntura.



A construção desse trabalho se deu num bricolar metodológico, os dados analisados são resultados do conviver, do brincar com as crianças Terena que residem e circulam pela Aldeia urbana Darcy Ribeiro, no município de Campo Grande/MS, assim como, conversas informais com os mais velhos e por meio de entrevistas semiestruturadas. Os nomes das crianças são fictícios para manter o anonimato. As discussões teóricas se articulam entre os campos pós-críticos, autores do grupo Modernidade/Colonialidade, bem como, intelectuais indígenas. Os nomes dos mais velhos permanecem por questão de fortalecimento étnico e representação política, considerando que as vozes dos mais velhos são considerações e uma gama de conhecimentos ancestrais.

## **2. Resistir e reexistir: estratégias de negociações, apropriações, ressignificações e resistências das crianças Terena.**

O desenho do resistir aqui demonstra que “a resistência assim concebida, situada no universo das potências, da criação, da inovação, possibilita, na pesquisa, reeditar a curiosidade, o xeretar, jogando pitadas de intuição e imaginação no caldo das racionalidades científicas”. (ZANELLA; FURTADO, 2012, p. 206). Com rigor teórico metodológico concentro na etnográfica sensível, onde, a pesquisa no bricolar do brincar com crianças Terena na aldeia urbana Darcy Ribeiro demonstra que a manutenção e a produção da identidade Terena está atravessada por estratégias de negociações, de apropriações, de ressignificações e de resistência, portanto,

Nestes meandros, o pesquisador que se faz olho dos acontecimentos precisa desterritorializar-se e desapegar-se das formas conformadas e por certo convenientes de pesquisar para constantemente olhar-se nos acontecimentos e reinventar modos de estar com outros, de ler os contextos inexoravelmente plurais, de pesquisar. (ZANELLA; FURTADO, 2012, p. 206).

A pesquisa que se deu no brincar já carrega o movimento desterritorializante em pesquisar. Ser adulto e brincar junto das crianças é um desapego da figura fixa que não brinca. Olhar-se nos acontecimentos é a própria experiência de com-viver. Mesmo que a brincadeira seja um momento de descontração, em alguns momentos se tornam arenas de disputas, um jogo de queimada pode se tornar uma discussão de gênero. Meninos contra



meninas, a superioridade de seu gênero eram coisas que as crianças iam defendendo para montar um time. Acabou que, até o fim do dia, os meninos queriam entrar no time das meninas. Lebe, de nove anos, foi o primeiro. Depois veio o Gael, de seis anos, e Ana, de nove anos, migrou para o lado dos meninos junto com Ysi, que tem a mesma idade. Com o passar dos dias, já não havia mais essa questão de meninos e meninas para nenhuma brincadeira. Isso não quer dizer que as relações tenham se tornado simétricas, mas os lugares se tornaram mais democráticos. Num tatear, as crianças foram percebendo que os lugares não precisavam ser engessados.

A questão de lugares engessados entra em contradição quando sugeri brincarmos em outro lugar, talvez outro campinho, e a resposta foi: “tem dois campinhos, mas esse é melhor, tem rede, é perto de casa e ninguém zoa<sup>3</sup> a gente”. (Rael, diário de campo, 13/05/21). Backes e Pavan (2011) apoiado em Bhabha (2007) apresentam que os estereótipos

[...] produzem visões congeladas e cristalizadas das identidades dos sujeitos, instituindo-os como sujeitos patológicos, deficitários, inferiores, selvagens, canibais, horrendos. Entretanto, mesmo nessa classificação binária, houve processos de hibridização” (BACKES; PAVAN, 2011, p. 211).

A ideia de explorar outros lugares não deu certo, pois foi frustrada por um motivo muito forte. O campinho dentro da aldeia é um lugar onde as crianças se sentem protegidas e onde elas não precisam se desgastar com negociações, elas podem se divertir sendo étnico-culturalmente aceitas. A zoação apareceu para diminuir a diferença, humilhar suas especificidades culturais, estereotipar e estigmatizar, mas “as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela” (HALL, 2005, p. 110). Quando perguntei à Rael sobre o porquê da zoação, Lebe, respondeu logo: “porque a gente é índio” (Lebe, diário de campo, 13/05/21). Rael não era de falar muito, só concordou com a cabeça. Foi quando disse que ficaríamos só ali mesmo. Em nenhum momento elas cogitaram brincar em outro lugar.

Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações. O fato de podermos compartilhar esse espaço, de estarmos juntos viajando não significa que somos iguais; significa exatamente que somos capazes de

<sup>3</sup> O mesmo que: escarnecendo, gozando, gracejando, implicando, mangando, mofando, motejando, ridicularizando, zumbindo. (Disponível em dicionário on-line em português <<https://www.dicio.com.br/zoando/>>. Acesso em 13/06/2022.



atrair uns aos outros pelas nossas diferenças, que deveriam guiar o nosso roteiro de vida. Ter diversidade, não isso de uma humanidade com o mesmo protocolo. Porque isso até agora foi só uma maneira de homogeneizar e tirar nossa alegria de estar vivos. (KRENAK, 2019, p. 32-33)

Ver a diferença enquanto positiva e maravilhosa ainda não faz parte da mentalidade atual, mas tem sido tensionada pelos movimentos sociais, bem como pelo movimento indígena. Como na citação de Krenak, uma liderança intelectual indígena. Portanto, vale compreender que

Essa valorização não é fruto do acaso. Ela tem a ver, entre outras questões, com as lutas históricas dos movimentos indígenas, dos movimentos afro-brasileiros, dos movimentos feministas. Ela tem a ver também com o paulatino processo de democratização dos espaços acadêmicos. (BACKES; PAVAN, 2011, p. 208)

Movimentos de micro revoluções têm questionado e demonstrado o lado positivo da diferença nos currículos, incluindo os escolares, pautados em movimentos contra hegemônico e de subversão, pois se trata de

Cantar sem partitura, torcendo as notas; livrar-se das bandeiras; deslocar-se das tribos; colocar em xeque os discursos centralizadores; rachar as palavras; desgrudar-se dos medos; aventurar-se a dar gargalhadas; ironizar o cinismo; rir da burocracia; fabricar janelas e portas por onde se possa fugir; abrir passagens e fendas; encontrar brechas; fazer de si uma obra de arte; constituir-se concomitantemente à produção de um trabalho de pesquisa. (LEMOS et al, 2012, p. 221)

Foi pelas anti-partituras que compreendi que “as crianças indígenas negociam a todo momento com o espaço urbano a sua identidade étnica”. (VIEIRA, 2015, p. 148). A zoação é a repetição ecoada do preconceito, do racismo e dos estereótipos com relação à diferença das crianças Terena da aldeia Darcy Ribeiro, pois “[...] associaram a diferença à inferioridade, ao déficit, à incivilidade” (BACKES; PAVAN, 2011, p. 213), uma diferença marcadamente étnica. A estratégia de resistência está em permanecer no lugar seguro para evitar possíveis constrangimentos e conflitos que são evitáveis. Ao atuar em uma perspectiva inter-multicultural, “estaremos contribuindo para ressignificar as representações cristalizadas pela lógica colonizadora, que aparecem como naturais, ainda que sejam efetivamente frutos da cultura” (BACKES; PAVAN, 2011, p. 219). É preciso continuar com processos educativos inter-multiculturais e educar para bons viveres.

O diário de campo no bricolar metodológico se torna um dispositivo que aciona as memórias, isso num ir e vir descompassado. A zoação em discussão me fez voltar ao diário



de campo. Precisava confirmar uma lembrança com Lebe me dizendo mais uma vez: “porque a gente é índio”. Isso foi dito quando me apontava crianças não indígenas que corriam ao entorno do campinho atrás de pipas: “Está vendo aqueles meninos, prô? Eles xingam a gente!”, e o motivo dos xingamentos está na diferença, no pertencimento étnico e, mais uma vez, um lugar que consideram seguro se torna lugar de disputa e de resistência. Vieira (2015), embasado em autores, como, Bonin (2007); Vieira (2008), fala dessa construção do imaginário brasileiro a respeito dos indígenas, uma imagem congelada, generalizada, racializada e estereotipada quando.

A fala da criança deixa evidente que o preconceito e a discriminação com relação aos povos indígenas estão ainda vinculados a imagens presas às raízes históricas de dominação, ou seja, a de índio exótico e selvagem. (VIEIRA, 2015, p. 203)

Os xingamentos não merecem ecos, até porque foram repetidamente pronunciados e divulgados por mais de quinhentos anos. No entanto, na chamada contemporaneidade, a zoação é uma construção histórica para diminuir, explorar e matar. Uma castração cultural que não merece palco. Porém, tem impactos na forma como essas crianças indígenas vivem e reafirmam, negociam e resistem enquanto sujeitos etnicamente marcados, bem como rasurados pelos afetamentos e pelas resistências.

Outra questão presente e significativa é a participação das igrejas evangélicas. A maioria das crianças com as quais brinquei frequentavam igrejas evangélicas onde eu pude participar de algumas celebrações. Vivenciei momentos singulares que me fizeram pensar como as famílias Terena estão resignificando as religiosidades e como isso interfere na identidade das crianças. Como alguém que já viveu em contexto de igreja evangélica, foi inevitável que meus pensamentos comparativos se manifestassem, desde a forma receptível, do não constranger em anunciar minha presença, dos sussurros nos cumprimentos, a mensagem oficial sem gritos ou qualquer alteração de tonalidade da voz, as canções que, com animação contida, entrava no ritmo. Um cultuar que ainda não havia vivenciado. Um cultuar animador, ao mesmo tempo sereno, sentimentos concomitantes e contaminantes. Não desaprovo ou defendo as religiões, mas aponto que, para a minha experiência de cristã, enxergo resignificações, até porque as famílias não deixam suas medicinas, suas crenças, suas festividades e, o mais importante, seus modos de ser Terena, ou seja, suas ambiguidades híbridas.



Desde a falta do púlpito, aquele lugar mais alto, uma tribuna elevada, a liberdade dos congregados passarem a louvar, a participação dos demais para cantar e dançar. Foram muitas novidades que estranhei enquanto gostei. Assisti desde casamentos coletivos, até aniversários. Todas convidativas ao retorno, ao ser acolhido e a celebrar estar junto, em comunidade. A religião cristã ressignificada pelas famílias indígenas da aldeia urbana Darcy Ribeiro tem papel importante no processo formativo da identidade das crianças. Esse modo de ser que percebi, no estranhamento das minhas tatuagens, da crítica às bebidas alcoólicas e às drogas ilícitas, algo que a religião não enxerga como positiva e as crianças aprendem a reprovar em seu modo de ser e verbalizar isso.

Um dia me perguntei: “Quais os desafios das gerações de hoje para com a cultura Terena? Estariam elas engajadas pelo fortalecimento da mesma? Estaria o cacique certo ao dizer que os pais não estão ensinando seus filhos? Estariam esses pais reféns do mercado de trabalho e entraram na rotina dos não indígenas?” (Diário de campo, 25/06/2021). Perguntas que, em entrevista, pude reelaborar.

A última vez que conversei com ele, por mais que ele estudou, ele nunca esqueceu de falar na língua dele. Quando ele vai para a aldeia, ele dança a dança do bate-pau, é isso, ele conquistou o espaço dele. Eu acho assim, que a criança de hoje poderia voltar no lugar onde nasceu preparado já, conhecendo as próprias ferramentas de hoje, a tecnologia em favor do povo, conhecendo suas origens, tendo orgulho. (Cacique Deomir Candelário, 14/12/2021).

O cacique me explicou isso quando perguntei sobre a importância das crianças para o povo Terena. Usou o exemplo de um Terena formado em agronomia para dizer que acredita que a educação na formação profissional pode ser favorável à sobrevivência e ao fortalecimento do povo. Uma apropriação de conhecimentos dos não indígenas para ampliar as possibilidades de viver e produzir em comunidade, algo que entra em contraste às desvantagens em estar em contextos de origem com os mais velhos, em contatos ancestrais do território. Sobre isso, Vieira (2015) aponta que:

[...] pude escutar por meio do diálogo com as lideranças da aldeia indígena urbana Darcy Ribeiro que as crianças indígenas na cidade estão em “desvantagem”, principalmente porque estão perdendo o contato diário com o seu povo, sua cultura, sua tradição e sua vida comunitária. Por esse motivo, os pais e os avós procuram dedicar um tempo maior para sempre ouvir as crianças, brincar com elas e contar histórias e mitos. Sempre que podem, despertam o interesse das crianças em conhecer mais sobre a cultura e as tradições. (VIEIRA, 2015, p. 156).



Nas falas dos mais velhos, pude compreender que a questão da ancestralidade e da própria manutenção da cultura não deixa de ser importante, mas precisa ser ressignificada para sobreviver em uma modernidade tecnológica e de contexto urbano. Isso pode ser benéfico para manutenção das identidades indígenas e para reexistir, mas que exige conhecer as suas origens e se orgulhar de seu pertencimento étnico, um resistir para reexistir. Fazer conhecer suas origens é papel da família, segundo o cacique Deomir: “hoje eu percebo que a companhia dos pais é necessário que oriente seus filhos a suas origens também, ele vai estudando e vai alcançando, ele vai se capacitando. Eu penso assim” (Cacique Deomir Candelário, 14/12/2021). Ao estar na aldeia, pude perceber que muitas mães não trabalham fora, apenas o pai, e essas mães desempenham um cuidado que a fala do cacique desenha: “os nossos pais educavam dessa forma, uma educação para enfrentar a vida, primeiro enfrentar a vida da maneira que vier, a escola dos pais é assim, a escola dos pais é na casa, no convívio com os filhos, a educação dos filhos é estar sempre com eles” (Cacique Deomir Candelário, 14/12/2021). Ora ou outra, mães como a mãe da Dina, do Lebe, do Re, da Vi e da Kai, vinham dar uma espiada nas brincadeiras. Via do campinho Ysi, Ari e Mily ajudando sua mãe a lavar as roupas, toda a família empenhada nos afazeres. Do outro lado, a mãe e o pai de Rael, sempre me acenavam. Os pais do Be também estavam bem presentes.

No contexto de aldeia urbana, nem todas as famílias indígenas podem desfrutar do conforto que é se dedicar para cuidar de seus entes pois, “[...] nem todas as famílias têm esses momentos com as crianças. Em algumas famílias, o tempo acaba sendo limitado, pois os pais trabalham em período integral e as crianças ficam na escola e nos projetos [...]” (VIEIRA, 2015, p. 156), já que tudo depende de dinheiro para sobreviver. Um fato triste foi a morte do pai da Kai. Ele havia sido atropelado quando ia ao trabalho, em Miranda/MS. Soube da má notícia assim que desci do carro, foi Lebe quem me contou. Kai não demorou muito para vir justificar que não iria brincar com a gente pelo ocorrido. Olhos que me pediam um abraço, não resisti e a abracei, foi quando ela chorou, estava, além de triste, preocupada com sua mãe. Elas estavam esperando o ônibus que as levariam para Miranda/MS para poder enterrar o pai. Dias depois, Lebe me disse que a mãe de Kai estava virando a noite para fazer pastéis para vender e sustentar os filhos, ela tinha um bebe de colo. Lebe ainda me contou que a mãe passava quase o tempo todo chorando. Ela, a mãe de Kai, era uma das mães que não trabalhavam para cuidar dos filhos, incluindo o recém nascido. Além do luto, a questão financeira provavelmente a preocupava e, nas palavras do



Lebe, a desesperava, até para pensar em voltar para a aldeia de origem. De fato, não há como não entrar na corrida do mercado de trabalho na circunstância de se manter em contexto urbano, vender pastéis é uma estratégia de sobrevivência dessa mãe, agora viúva.

Foi essa mãe quem, em uma visita, me falou orgulhosa de que seus filhos compreendem tudo em Terena. Os mais velhos, inclusive, são fluentes, e eles aprenderam porque ela e o marido só falam Terena em casa. Foi essa mãe quem me apresentou a planta indígena Rosário, ela quem cultivava em um canteiro a lembrança de sua cultura. Kai, um dia, em uma partida de queimada, me disse que ela entende tudo em Terena, mas não fala, algo que duvidei depois dela me corrigir quando pronunciei mal *unatí*. Bia também disse que entende tudo, mas não fala bem; já a sua irmã mais velha, fala bem. E num momento de distração, pronunciando as palavras em Terena que havia aprendido, levei uma bolada bem na cara. (Diário de campo, 05/07/2021).

Daí as perguntas: por que os não indígenas não aprendem as línguas indígenas? Por que só os indígenas precisam aprender a língua portuguesa? A questão está na lógica da modernidade, não existe interesse em aprender elementos da cultura do outro subalternizado. As línguas indígenas ainda não são consideradas dentro de aspectos oficiais do idioma, elas estão no lugar dos dialetos, sub-línguas. Sobrinho (2011), quando fala da criança Sateré-Mawé, aponta que:

[...] familiarizadas com sua linguagem, que é considerada pelo mercado linguístico como “não-legítimas”, têm negadas as suas formas de se comunicar com o mundo e são “levadas” a culpabilizarem-se por seus fracassos, pois o modelo escolar não considera os elementos de sua cultura como componente da cultura escolar, nem muito menos da cultura da escola. (SOBRINHO, 2011, p. 226)

Uma questão que, fora dos muros escolares, atravessam o falar ou não falar a língua Terena. A vergonha ou o receio em falar carrega a resistência da criança indígena. Falar o português é o aceitável para os não indígenas, na escola, no mercado e nos espaços em que circulam. Não ensinar Terena para os filhos é tornar a vida das crianças indígenas menos conflituosa. É uma estratégia para que elas possam circular e acessar lugares outros que, muitos dos pais sofreram pela etnicidade e por não falarem português. Desde criança, a orientação dos meus mais velhos era não falar Guarani fora de casa, pois as pessoas ririam de mim porque é língua de bugre. Foi assim que fui deixando de falar fluentemente, o uso pejorativo de bugre enquanto sinônimo de sujeito atrasado, preguiçoso e contra o progresso me convenceu até pouco tempo. Esse termo foi inventado para remeter aquele que



prejudica o progresso, pensando na história colonialista da América, é aquele que atrasa propositalmente, sabota, por preguiça, por falta de vontade o progresso, o trabalho e tantas outras coisas que o ideal de sociedade ideal ocidental configure.

Falar ou não falar, onde e quando falar uma língua indígena não é uma escolha livre, ela é imposta pelos currículos sociais, está na mentalidade nacional, para não dizer mundial, é uma forma hierarquicamente excludente e violenta que marca o lugar de fala, e quem tem o direito de fala. Um transgredir a lógica está na formação de guetos étnico-culturais que criam as fissuras, os espaços outros, as linhas imaginárias, como as que separam a aldeia urbana Darcy Ribeiro do resto do bairro em um lugar onde se pode ou não falar, ali é livre escolher.

Vi resistência na questão da vacinação contra Covid-19, uns eram adeptos e outros contra, por temerem. O medo estava desde erros médicos, até boatos de que a vacina era para matar índio. As justificativas são reflexos do processo histórico de uma colonização genocida. Desconfiar está para sobreviver, mesmo correndo riscos. Outra questão era a fé na medicina tradicional, algumas famílias mais tradicionais se sentiam imunes por meio de suas medicinas. As opiniões eram divergentes, uns tomaram a vacina sem questionar, outros tomaram a vacina sem abrir mão de suas medicinas.

As crianças falavam pouco sobre a Covid-19: “O irmão do meu pai morreu de Covid e um amigo do trabalho dele também”. (Jô, diário de campo, 16/07/21). Pude perceber que elas compreendiam pouco sobre a urgência e o perigo da situação. Comiam junto. Tomavam água no mesmo copo, compartilhavam objetos e tinham contato físico o tempo todo. Joe, de seis anos, brincava com a tosse ou o espirro de alguém: “Olha a Covid!”, “Está com Covid”. Foi o cacique que, em entrevista, me disse que o maior desafio com as crianças em um momento pandêmico em que deveriam ficar todos em casa era inviável: “a criança indígena é livre!” (Cacique Deomir Candelário, 14/12/2021). As crianças perguntavam do porque eu estava sempre de máscara. A todo tempo eles diziam: “tira a máscara, prô!”, voltava a explicar que não poderia fazer isso e colocar a saúde deles em risco, mas é como Vieira (2015) aponta em tese: “é possível verificar o quanto a criança indígena tem o respeito e o reconhecimento de sua comunidade. Ela tem uma liberdade de escolha e decisão muito diferente das crianças não indígenas” (p. 154). Quando tirava a máscara para tomar água em um lugar mais afastado delas, ficavam todas olhando curiosas. Inevitável não sorrir para olhares tão curiosos. Elas não estavam muito



preocupadas com a contaminação por falta de compreenderem a gravidade do contágio, mas considere também que era por serem corajosas e fortes.

Como elas são corajosas e resistentes. Além das dificuldades na precariedade de moradia e de consumo, elas enfrentam preconceitos diariamente e, mesmo assim, seguem sorrindo e brincando. Existe muita coragem e resistência em quem sorri mesmo com frio, com fome e naquela que gargalha enquanto é zoadado. Reinvenções de ser, ver e estar num contexto de aldeia urbana em constantes negociações para viver/brincar. Circular suas especificidades culturais no lugar limitado da aldeia para contaminar com suas diferenças o outro lado da fronteira.

Fui tão contaminada que me via muitas vezes como elas, uma criança. Foi assim que um dia subi no pé de jatobá do mato para resgatar uma das bolas. As bolas geralmente eram salvas por adultos de maior estatura e força que a minha. Naquele dia não havia ninguém semelhante, não poderia deixar uma das crianças se arriscarem naquela altura toda, era perigoso. Tinha que ser eu, a moda antiga, descalça, como fazia quando criança. Tirei o tênis e as meias, elas me olhavam como se eu não fosse conseguir. Foi o Gordo, um não indígena quase loiro, com sardas, de treze anos e que não tem nada de gordo além do apelido e o Re quem me deram pé para subir, galho após galho, até conseguir alcançar o galho certo e chacoalhar. A bola caiu com comemoração. Depois o desafio em descer, os pés destreinados ardiavam, mas fui com cuidado até que pudesse pular e pulei. Fui admirada por elas: “a senhora sabe mesmo trepar nas árvores!”. Tirando o “senhora”, me senti uma criança que acabara de fazer uma proeza. Me sentia assim sempre que tombava no campinho, tomava boladas na cara, na cabeça e na testa, coisas que acontecem quando se permite brincar. Por vezes precisei usar a torneira do jardim do professor Itamar para limpar os braços, as mãos e o rosto, estava toda suja de terra vermelha. Uma sujeira tão boa de afetos, criatividade, aprendizagem, alegrias e vida vivida. Para tornar a despedida agradável, um docinho, mas eles só seriam doces se todas as crianças entre irmãozinhos e irmãzinhas também ganhassem três a quatro doces a mais, entre uma trapaça ou outra para nos despedirmos com risadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



A Etnicidade das crianças Terena que se constrói e se fortalece no enfrentamento cotidiano de preconceitos, estereótipos e injustiças sociais/epistêmica e cultural.

É preciso considerar o contexto e os embates com os quais essas crianças precisam enfrentar e resistir. As manifestações de preconceito e discriminação se manifestam cotidianamente dentro e fora da aldeia. Criar estratégias para sobreviver étnico-culturalmente, falar e não falar a língua materna como, Terena, usar ou não outros espaços, rir em meio aos desafios. Continuar resistindo para reexistir culturalmente passa dos mais velhos para os mais jovens. Ressignificar a cultura para que as crianças tenham outras aberturas, outras vivências, outras oportunidades e outras contaminações. Pois, contaminar étnico-culturalmente é algo que a comunidade investe quando um dos seus saem para explorar os mundos, até porque, para as culturas indígenas não existe mundo, mas mundos. E como nos ensina os intelectuais indígenas, existem outras existências, outras formas de ver, estar, ser e ver o mundo. É exatamente o que as crianças Terenas com as quais brinquei e com-vivi me ensinaram, bem como o cacique me explicou em nossas conversas.

É fato que não cheguei a essas conclusões neste recorte, são resultado de muitas outras análises, mas que abre portas para outras questões como, é possível transgredir em prol dos desafios da diferença e das etnicidades presentes nas escolas não indígenas? É possível formar para as diferenças étnicas cada vez mais presentes em contexto de escolas urbanas e não indígena? Que tipo de formação esses educadores têm tido? Questões para fazer pensar em outras problematizações, questões para pensar alternativas e estratégias para dar passos em relação às demandas da diferença e seus embates. Desconstruções urgentes e desafios cotidianos para seguir existindo e ser/estar/ver sua diferença enquanto produtora de epistemes reconhecidas e respeitadas.

Uma questão que desafia o falar e não falar na língua materna. Falar na língua materna é algo mais amedrontador e ao mesmo tempo de sobreviver num contexto urbano para acessar outros espaços que os mais velhos não alcançaram. Ensinar ou não e, quando, são estratégias de tornar a vida das crianças Terena em contexto de aldeia urbana menos conflituosa e mais aceita. Não se trata de apagar a cultura, mas de dizer que ali as coisas são mais difíceis, e elas verbalizam isso, como em seus movimentos, o não falar me diz muito mais. Não se trata de negar sua língua, mas de ocupar outros lugares e ser aceito.

## REFERÊNCIAS



BACKES, José Licínio; PAVAN, Ruth. A ressignificação das representações sobre as crianças indígenas pelos estudantes de pedagogia: desafio para uma formação docente intercultural. In: NASCIMENTO, Adir Casaro [et al.] (Orgs.). **Criança indígena: diversidade cultural, educação e representações sociais**. Brasília: Liber, 2011, p. 205-226.

BONIN, Iara Tatiana. **E por falar em povos indígenas...quais narrativas contam em práticas pedagógicas?** Porto Alegre/RS, 2007. 220 p. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.).

**Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 103-133.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LEMOS, Flávia Cristina Silveira; SILVA, Alyne Alvarez; SANTOS, Daniele Vasco. Subverter. In: Fonseca, Tania Mara Galli; Nascimento, Maria Lívia do; Maraschin, Cleci (Orgs.). **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Editora Sulina, 2012, p. 221-223.

SOBRINHO, Roberto Sanches Mubarac. **Vozes infantis indígenas: as Culturas Escolares como elementos de (des)encontros com as culturas das crianças Sataré-Mawé**. Manaus: Editora Valer, Fapeam, 2011.

VIEIRA, Carlos Magno Naglis. **A criança indígena no espaço escolar de Campo Grande/MS: identidade e diferença**. Campo Grande, 2015, 228 p. Tese de Doutorado em Educação – Universidade Católica Dom Bosco/UCDB.

ZANELLA, Andréa Vieira; FURTADO, Janaína Rocha. Resistir. In: Fonseca, Tania Mara Galli; Nascimento, Maria Lívia do; Maraschin, Cleci (Orgs.). **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Editora Sulina, 2012, p. 23-26.